

O estado e a política oficial para a integração regional

Linoberg Barbosa de Almeida.
linoberg@yahoo.com.br

Resumo

Discute-se neste artigo a política oficial adotada pelo Brasil a respeito da inserção do Estado brasileiro na integração regional, a partir dos discursos de suas autoridades. Entende-se a integração como algo mais amplo que uma globalização relacionada ao volume de conexões entre a economia nacional e os demais países.

Palavras-chave: Integração regional; Mercosul; Estados nacionais.

Este texto trata da política oficial adotada pelo Brasil analisada a partir do discurso das autoridades no que se refere à inserção do Estado brasileiro na integração regional. Vale dizer que a integração é algo mais amplo que uma globalização ligada ao volume de conexões entre a economia nacional e o resto do planeta. A questão é se a economia globalizada chegou, será que dessa vez ela é mais consciente, consistente e duradoura? É nisso que não só o governo brasileiro mas também o mundo aposta.

No início do século XX, um grande fluxo de capitais fez com que a Europa se aproximasse dos Estados Unidos, Ásia e vários países do Oriente Médio. "Os bancos e investidores privados ocupavam-se em diversificar seus investimentos desde a Argentina até Cingapura." Dá-se, então, a Primeira Guerra Mundial que recheada de nacionalismo e desastrosas decisões político-econômicas acabam por desacelerar o processo de globalização.

Anos mais tarde, reinicia-se o ciclo e o comércio internacional é alavancado, mas por pouco tempo. O período se fecha em uma nova guerra e por praticamente todos os mesmos "erros" da primeira tentativa de se criar um mundo integrado.

Delimitando o campo de visão, observamos uma América Latina que a 20 anos atrás era um celeiro de militares totalitários que baseados no autoritarismo geravam uma desconfiança internacional generalizada e assim destruía qualquer possibilidade de uma integração regional no âmbito comercial. Acontecem eleições transformações, mudanças que fazem do Brasil um país que acompanhou a metamorfose mundial dos últimos anos. Conseguiu estabilizar a economia que durante décadas massacrava o país com uma hiperinflação, e seguir um processo de democratização vigente na América

Latina e principalmente entre os seus vizinhos. A implementação de reformas estruturais, como a desregulamentação, a modernização e redução do papel do Estado são temas correntes no dia a dia do país na busca de se tornar cada vez mais a melhor opção para investimentos de todo o mundo.

É evidente que o governo brasileiro sabe que as mudanças são lentas e segundo o Embaixador Rubens Antônio Barbosa, "países - continentes como Brasil, Índia, China e Rússia tem o seu próprio tempo (timing)." Com todos os problemas existentes, temos que reconhecer a pertinência ao Brasil o papel de crescente relevância internacional ligada a sua tradição em organismos internacionais e sua eficácia em relação a questões globais. Aí mora o desejo da obtenção de uma cadeira na Organização das Nações Unidas (UN) para que se torne de fato o que já é de direito.

"Além de global player, o Brasil também é um forte regional player."

Aproveito essa frase para me deter na nossa relação com a integração e nos esforços despendidos entre Brasil e Argentina para que se estabelecesse o Tratado de Assunção: A cara do Mercosul. Este Mercado Comum do Sul tem o seu modelo atual graças ao tratado antes citado que fora estabelecido pelos Presidentes da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. O mesmo nasceu de encontros que tentavam incessantemente tirar o mal-estar que pairava no ar entre os dois países, acentuado pelo regime militar que ambos viveram. Em pouco tempo, aquilo que deveria no campo político, passou para o "terreno econômico... integração de setor por setor, produto por produto."

Depois da fracassada ALALC, primeira semente para a integração, veio a ALADI que criou uma rede de acordos de cooperação pluralista que além de acelerar a aproximação entre Brasil e Argentina e atrair a atenção de países menores, também encaminhou a abertura econômica brasileira em 1990. Era o passo regional em direção a uma tendência mundial.

01 de Janeiro de 1994 – O Mercosul é a pioneira união aduaneira, mesmo que imperfeita, com tarifa externa comum a ser estabelecida no hemisfério sul, e em tamanho seguida pela União Européia. Possui 50% do produto nacional bruto da América Latina, mais de 50% do produto industrial, 46% do comércio intra-regional, 10% do comércio latino-americano com o mundo, 45% da população, 59% da superfície e 80% dos investimentos direcionados à América do Sul.

Se a pergunta for: O Mercosul é mesmo um bom negócio? Os números são parte da resposta. E segundo o Embaixador Denot Medeiros, a América do Sul teve um desenvolvimento gigantesco, cresceu mais que nos últimos 20 anos, inflação mais baixa dos últimos 50 anos e investimentos que vieram de todos os lados e para diversas áreas foram os maiores de todos os tempos. O Embaixador ainda mostra que todas as transformações tem como base o amadurecimento da estabilidade política e a consolidação da democracia.

Para Paulo Roberto de Almeida, se o NAFTA mudou a geografia econômica, o Mercosul mudou a geopolítica regional. A integração física e energética sul-americana é parte direta do avanço do processo de integração. Os projetos binacionais e multinacionais de infra-estrutura representam um ímã para investimentos estrangeiros. O governo de Fernando Henrique Cardoso estabelece em seus dois planos de governo, o atual Brasil em Ação, posto em vigência em 1995 e Avança Brasil que é seu programa de governo para o mandato de 1999 – 2002 para o qual fora reeleito, metas que tem íntima ligação com a região sul e sudeste do país: As mais próximas dos outros países do bloco.

Os empreendimentos como a Rodovia do Mercosul, o Porto do Rio Grande e o Gasoduto Bolívia – Brasil estão na linha estratégica do governo brasileiro para criar maior competitividade e produtividade de atuais e futuros parques industriais ligados ao Mercosul.

A Rodovia do Mercosul, por exemplo, passa pela duplicação da Rodovia Régis Bittencourt em São Paulo, da BR 116 entre São Paulo e Paraná, da BR 101/376 entre Curitiba e a divisa com Santa Catarina e a BR 101 propriamente dita com trechos entre a divisa até Florianópolis e de Florianópolis a Osório no Rio Grande do Sul. Hoje já sabemos que este último trecho citado tem 86,68% dos recursos destinados a obra, que deveriam estar no orçamento federal para o ano de 1999, cortados. Mas, segundo o próprio governo federal, o empreendimento estará pronto em sua totalidade no final do ano 2000. Penso que não contavam com a crise financeira que abala o mundo.

Já para o Porto do Rio Grande, o projeto consiste a sua modernização para ser um dos mais importantes portos para o escoamento da produção do bloco. No relacionado com a integração energética, a Gerasul, empresa da Eletrobras, tem acordo firmado com a Argentina para a compra de aproximadamente 1000mW de potência ao

sistema elétrico brasileiro. Além disso, tem-se a usina de Guarabi, na fronteira e a subestação de Itá, em Santa Catarina com investimentos na ordem de R\$320milhões.

Sobre o gás natural, existe a previsão da extensão de um gasoduto argentino até a região de Porto Alegre, onde estão se instalando grandes empresas automotivas. Mas, o grande projeto nesse campo é o Gasoduto Bolívia – Brasil , fruto de conversas para o integração a Bolívia ao Mercosul e acordos bilaterais. Pensada por anos, "a obra foi tocada no governo Fernando Henrique Cardoso, contando com empréstimos junto ao BID, Banco Mundial, Eximbank do Japão, CAF, Banco Europeu de Investimentos no valor de 800 milhões de dólares." Não seria justo deixar de fora dessa relação as hidrovias Madeira – Amazonas , Araguaia – Tocantins , Paraguai – Paraná e Tietê – Paraná que segundo o governo" bem como o desenvolvimento da navegação entre os principais portos do cone sul, permitirão elevar substancialmente o nível das relações comerciais entre os países- membros.

Todos os investimentos citados estão dentro dessa nova perspectiva integralista geográfica que se desenvolve na América do Sul. Os acordos assinados com Chile e Bolívia fazem crescer as expectativas em relação ao bloco. "O Chile dá uma dimensão bioceânica." E a Bolívia é a ponte entre o Brasil e a Comunidade Andina com seu gás natural, que por sinal é bem – vindo. Fica claro que a América Latina perdeu o seu valor econômico, financeiro, e comercial dando lugar a uma América do Sul reconhecida como uma entidade própria e atraente até para uma integração hemisférica.

Tal processo de integração tem como marco inicial a reunião de Cúpula das Américas, realizada em Miami em 10 de dezembro de 1994 onde 34 países, menos Cuba, estabeleceram um Pacto para o Desenvolvimento e a Prosperidade: Democracia, livre comércio e desenvolvimento sustentável nas Américas. De modo geral, são países desde a Patagônia até o Alasca, com população total de 776,3 milhões de habitantes, um produto nacional bruto de US\$8,543 bilhões e comércio exterior total por volta de US\$ 1,2 trilhões. Este pacto é parte da Declaração de Princípios de Miami (1994) que define 2005 sendo o ano em que será constituída a área de livre comércio entre as Américas, o que se dará com uma progressiva eliminação de taxas que barrem a comercialização de bens e serviços entre esses países.

A posição do Brasil em relação a Alca passa em primeiro lugar pela prioridade que se deve dar ao Mercosul, fortalecendo-o de maneira eficaz e gradativa. Em segundo,

o relacionamento com os demais países sul-americanos deve ser ampliado para se tirar total proveito da integração como por exemplo as negociações e acordos com a Comunidade Andina que trazem reais e quase imediatos benefícios ao nosso país. Já a aproximação com a União Européia e Alca estão determinadas pela possibilidade de produtos brasileiros e do Mercosul entrarem nestes blocos.

De acordo com o Avança Brasil, o tamanho da economia brasileira necessita de sua consolidação como "global trader- diversificação que só fortalece o país e nos torna menos vulneráveis a crises e distúrbios econômico- financeiros." Seguindo esse parâmetro, a União Européia se torna cada vez mais atraente com a possibilidade da implantação de uma moeda única que melhoraria as relações comerciais entre os dois blocos. Para o governo brasileiro, as expectativas apontam para a Cúpula Europa – América Latina, marcada para o primeiro semestre de 1999.

"Não podemos, contudo, priorizar a Alca em prejuízo da integração do Mercosul..."

Para o Brasil, a Alca deve ser mais que consenso hemisférico Será resultado de negociações de caráter gradual e progressivo levando em conta as potencialidades de cada país participante. Talvez por isso, o Brasil não aceitou uma liberação comercial antes de 2005 por entender não estar preparado institucionalmente e nem as empresas brasileiras se ajustaram ainda ao processo de abertura econômica. Caberia aqui , no meu entender, questões como laranjas brasileiras que buscam espaço no mercado norte – americano e as indústrias americanas que poderiam sufocar o desenvolvimento do setor secundário não só brasileiro mas dos outros países da América como um todo.

Durante a última década, o Brasil deu início a grandes parcerias internacionais como a China e o desenvolvimento de alta tecnologia espacial e o Japão que graças aos anos de bom relacionamento desde a chegada do primeiro navio de imigrantes e por termos mais de um milhão de nipônicos e eles mais de 150 mil brasileiros ,estimulará mais investimentos no país. Isso e muitos outros avanços no plano externo tem a marca da ação diplomática brasileira reconhecida pela sua capacidade de criar consensos e entendimento entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento. É fruto das 102 missões diplomáticas que estão no exterior. São 137 cidades, 1,5 milhão de brasileiros que vivem fora do país, 5 mil bolsistas e 3 milhões de turistas todos os anos ... tudo responsabilidade do governo brasileiro que precisa atuar de forma exemplar. Ainda

temos missões de paz, defesa da democracia durante a 2ª Guerra Mundial e outros feitos que nos levam a um objetivo de caráter internacional: A detenção de uma cadeira com papel decisório na ONU. Isso sim, para o governo brasileiro, nos coroaria como um verdadeiro global trader(27,3% com a Europa, 25,6% com a América do Sul, 17,7% para os US e 14,5% para a Ásia). Esses números mostram um equilíbrio entre as diversas regiões do mundo com as quais o país mantém relações comerciais regulares.

"No reason to be confident in Brazil."

Os anseios do Brasil e do Mercosul poderiam estar seguindo de maneira mais calma se não fosse o choque que a crise financeira vem dando no mundo todo. Primeiro a Ásia e depois a Rússia. Ambos sofreram com as idas e vindas do capital especulativo. Começamos a sentir os efeitos da crise quando o governo nacional não conseguia mais sustentar os rombos na balança comercial e percebeu que perder US\$11 bilhões em poucos dias não é um fato irrelevante. Mas o país já conhece esses solavancos proporcionados pelas bolsas de valores. Em meados dos anos 30, tínhamos os superestoques de café quando o mundo convalescia ainda da crise – crash de 1929. Do café para a globalização de capitais, o tempo passou e as decisões são tomadas em segundos e em fração de segundo percorrem o mundo de ponta a ponta.

"Imaginem o prejuízo internacional no caso de uma interrupção nesse excelente freguês que é o Brasil, que gasta o que não tem e paga o que não deve."

E nesse cenário, chega o tão esperado apoio internacional que, além de ser um empréstimo, é um pacote de resgate. Não seria nada agradável ao mundo ver o Brasil sofrer como sofre a Rússia e assim levar os países do Mercosul e , principalmente a Argentina que tem a economia atrelada a do Brasil para um colapso de proporções inimagináveis. É por isso que "Um Brasil forte faz os Estados Unidos mais forte" como disse o Presidente William Clinton. Também não seria nada agradável ver a sua economia que hoje está em grande forma, destruída por uma crise brasileira de efeito "dominó".

Mas o pacote de empréstimos para o Brasil está vinculado ao plano de ajuste fiscal que prevê cortes em várias áreas do governo, atingindo tanto o federal como estaduais e municipais, uma nova previdência social entre outros. Tudo para que o mercado volte a ver com bons olhos possíveis investimentos no país e isso protegeria os interesses econômicos de todos os países do continente.

Do ponto de vista brasileiro, o processo de integração passa pela ampliação de mercados e pela melhor estruturação dos processos produtivos, por exemplo, os acordos da indústria automotiva brasileira e argentina e as várias joint-ventures formadas. São mais que simples medidas multilaterais em detrimento ao protecionismo. A regionalização e o multilateralismo são exigências da globalização e a América Latina foi e está sendo capaz de adotar modelos nacionais que, por sinal são muito parecidos, para inserir-se competitivamente no mercado mundial. O Mercosul é parte decisiva para a aceleração das reformas de cada Estado no intuito de ser parte da credibilidade internacional.

Por várias vezes, noto que o discurso brasileiro busca um Mercosul que ultrapasse as barreiras do livre comércio e coloque em discussão as relações trabalhistas, os currículos de profissionais para que possam exercer a profissão, o meio ambiente, a integração energética e física como fora exposto em páginas anteriores, transporte e comunicações... todos são temas que levam a busca de um Mercosul para uma positiva realidade internacional.